

# "JUSTIÇA NÃO É PARA NÓS": ETNOGRAFIA E POSSIBILIDADES DA PESQUISA DOCUMENTAL EM CONFRONTOS ENTRE PUNKS E SKINHEADS EM CURITIBA<sup>1</sup>

Tatiana de Oliveira (UFPR/PR)

## RESUMO

Almejando qualificar minha inserção junto aos punks das ruas, realizei, em fase preliminar ao campo, pesquisa documental em processos judiciais e notícias veiculadas em diferentes meios de comunicação. Encontrei menções a ocorrências policiais, ações penais e episódios relatados que nem sempre chegaram a ser alvo de registro formal, desde 1986. Procurei ainda refletir sobre a influência das fontes documentais no campo e a própria ideia de trabalho de campo. Neste trabalho, após traçar uma breve contextualização do surgimento da cultura skinhead e sua relação com o punk, descrevo os confrontos a céu aberto que envolvem skinheads na cidade de Curitiba, de 1986 a 2005 e menciono outros, ocorridos após 2005.

**Palavras-chave:** punk; gangues; skinheads

## 1 INTRODUÇÃO

"Tribunal de Justiça anula julgamento que condenou skinheads por morte de punk em Curitiba". A notícia de 08 de outubro de 2021 traz à tona uma questão que permeia o punk brasileiro desde o seu surgimento, em meados da década de 1980, e em Curitiba se faz presente cotidianamente entre uma parcela das pessoas que se reconhecem e são reconhecidas como punks.

Em meu projeto de pesquisa contemplo, no âmbito da cultura punk, integrantes que se distinguem de outros principalmente em relação principalmente à classe. São os autointitulados punks das ruas, punks do subúrbio, punks maloqueiros, punks sujos ou punks de verdade. Tal distinção implica numa série de entendimentos e práticas que são alvo de críticas por parte dos comumente chamados punks de pub, punks burgueses, punks de final de semana, falsos punks ou apenas simpatizantes.

Ao longo de 2021, ano de ingresso no mestrado, o projeto foi se transformando como meu próprio entendimento ao longo das disciplinas cursadas - o que está longe de ser uma exceção. Uma certeza, entretanto, sempre me acompanhou: a realização de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

trabalho de campo com o maior tempo de convivência possível junto às pessoas e grupos estudados. Embora eu compreendesse que era possível - e com o advento da pandemia, muitas vezes necessário - prescindir da presença física dos interlocutores, não era este absolutamente meu desejo.

Almejando qualificar minha inserção junto aos punks das ruas, procurei me inteirar dos confrontos entre punks e skinheads<sup>2</sup> em Curitiba, de modo a perceber em que medida teriam ou não relevância para serem abordados durante a observação participante. Com o intuito de me familiarizar com detalhes dos episódios, realizei, em fase preliminar ao campo, pesquisa documental em processos judiciais e notícias veiculadas em diferentes meios de comunicação.

Encontrei menções a ocorrências policiais e ações penais desde 1996. Ainda trabalhando com dados secundários, acrescentei episódios relatados em outra fonte e que nem sempre chegaram a ser alvo de registro formal, alcançando um mais longínquo ano de 1986. Ante a complexidade dos casos e seus desdobramentos, percebi que o material oferece possibilidades de análise por si só, não exigindo necessariamente o que no transcorrer da antropologia clássica passou a ser entendido como trabalho de campo.

Buscando consistência no levantamento, procurei ainda refletir sobre a influência das fontes documentais no campo e a própria ideia de trabalho de campo. Para isto, me apoiiei nas referências e debates ocorridos durante a disciplina Seminários de Pesquisa I, frente às alterações ocorridas no meu planejamento.

Neste trabalho, após traçar uma breve contextualização do surgimento da cultura skinhead e sua relação com o punk, descrevo os confrontos a céu aberto que envolvem skinheads na cidade de Curitiba, de 1986 a 2005 e menciono outros, ocorridos após 2005.

## **2 PRIMEIRA GUINADA: DA NOTÍCIA DE JORNAL À CASA PUNK**

Em artigo sobre as relações entre antropologia e trabalho de campo, Giumbelli (2002, p. 91, 92), reconhecendo a centralidade de Malinowski na disciplina, aponta uma série de pesquisas amparadas em fontes históricas ou outros métodos que não a observação participante. Refletindo a respeito das definições de trabalho de campo, o autor pondera que a variedade de procedimentos na coleta de informações praticamente

---

<sup>2</sup> Os skinheads também são usualmente referidos de forma abreviada como skins. Neste trabalho, adoto as duas nomenclaturas.

impede que haja um único entendimento sobre a questão. Com isto, Giumbelli (2002, p. 94) incita que múltiplas possibilidades sejam compreendidas como trabalho de campo.

Assim, durante o levantamento, entre novembro e dezembro de 2021, percebi que poderia realizar todo o projeto de forma prescindir da observação participante, alterando não apenas a metodologia, mas também a delimitação de minha dissertação, que passaria a circundar alguns temas mais diretamente relacionados ao confronto entre punks e skinheads. Àquela altura, eu já abandonara a ideia inicial, apresentada na seleção ao mestrado, de me ater especificamente à circulação de objetos, pessoas e eventos, e avaliava, a partir de observações anteriores<sup>3</sup>, outras alternativas, como tratar de diferentes arranjos de trabalho entre os punks das ruas.

Contudo, algumas incursões já estavam previstas para o primeiro trimestre de 2022, justamente para que, ao acompanhar alguns punks em Curitiba e Porto Alegre, eu compreendesse de que forma faria mais sentido encaminhar a pesquisa. Iniciei o levantamento com o intuito de me familiarizar com os punks de Curitiba, que na ocasião não demonstravam receptividade à minha presença como os de Porto Alegre. Imaginei que, se surgisse o assunto dos confrontos com os skinheads e eu demonstrasse conhecer determinados detalhes, talvez inspirasse com mais facilidade uma relação de confiança.

Conforme avancei na sistematização das informações, o que num primeiro momento considerei uma maneira de aproximação com os interlocutores passou a modificar alguns aspectos da minha própria compreensão dos punks das ruas. Como aponta Vianna (2014, p. 47), em referência a Evans-Pritchard (2005), os documentos podem conduzir o olhar etnográfico como “um interlocutor que insiste que prestemos atenção à bruxaria ou ao gado, tumultuando e alterando nosso roteiro inicial de pesquisa”.

No início de dezembro de 2021 apresentei resultados parciais da pesquisa<sup>4</sup>, no evento Global Punk, por meio da rede Punks Scholars Network Brasil. A partir das contribuições do debatedor Moacir Alcântara<sup>5</sup> ao trabalho, percebi lacunas no meu

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, T. “Eu tenho que pagar pensão, rebitar o jaco e comprar discos”: circulação de objetos entre punks em situação de trabalho precarizado em Curitiba e Porto Alegre, sob a perspectiva de Marcel Mauss. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL, 8, 2021, Campo Grande. **Caderno de Resumos**. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2021. p. 36-36. Disponível em: [https://antropologiams.ufms.br/files/2021/08/VIII\\_RAMC\\_CADERNO-DE-RESUMOS\\_2021-1.pdf](https://antropologiams.ufms.br/files/2021/08/VIII_RAMC_CADERNO-DE-RESUMOS_2021-1.pdf). Acesso: 08 dez. 2021.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Tatiana. “Tudo de ruim você encontra lá”: confronto entre skinheads e punks das ruas em Curitiba, Paraná. In: Global Punk, 8, 2021. **Seminário Internacional Punk Scholars Network Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZtPUSsdYiSE&t=9942s>. Acesso: 28 dez. 2021

<sup>5</sup> ALCÂNTARA, Moacir Oliveira. Selvagens e Baderneiros: representações e subjetivação do punk no Correio Braziliense (1990-2014). Curitiba: Apris, 2021.

entendimento de algumas questões, como as gangues punks. Então me aproximei de Márcia Miranda e Jaaka Greenfield, que mantêm há 23 anos a Casa Punk, em Poá, região metropolitana de São Paulo. Decidi, antes de ir para Porto Alegre em fevereiro, ir para São Paulo e vivenciar algumas situações que pudessem contribuir para meu trabalho.

Entre janeiro e fevereiro tive a oportunidade de acompanhar o cotidiano do local, situado no município de Poá, Zona Leste da região metropolitana de São Paulo. Além de me envolver nas atividades domésticas que antecederam o evento "IV Barulho no Beco", realizado em 22/01/2022, participei da produção de alguns itens da indumentária punk postos à venda, como camisetas e patches em serigrafia, além de bótons de metal.

No espaço moram integrantes da gangue 99 Raw Punk, que conseguiram a antes inimaginável proeza de reunir dentre as 110 pessoas presentes no "IV Barulho no Beco", integrantes de nove gangues diferentes, sem que houvesse algum desentendimento que chegasse a se tornar agressão física. Minha estada na Casa Punk propiciou minha inserção junto a grupos de punks das ruas não só paulistas, mas também curitibanos, parte dos quais se apresentou com a banda Disunião no IV Barulho no Beco.

Guinada

### 3 PUNKS, SKINHEADS E A DISPUTAS ENTRE GANGUES

A relação entre punks e skinheads é constantemente marcada por aproximações, hibridações, distanciamentos e cisões. Valo Velho (2019), um dos fundadores do Movimento Anarco Punk (MAP) no Brasil, dedica um capítulo de seu livro ao assunto. Assim também o fazem Oliveira (2015) e O'Hara (2005), oferecendo uma visão de quem participou dos processos de formação da cena punk e hardcore, respectivamente, em São Paulo e nos Estados Unidos.

Como indicam Rosseti e Santoro (2009, p. 6) e O'Hara (2005, p. 54), os skinheads surgem, na década de 1960, no bojo de expressões da contracultura como os *mods*, na Inglaterra, e os *rude boys*, na Jamaica. Jovens da classe operária britânica, tinham predileção pela música negra, em especial o reggae, o ska e mais tarde, o soul.

Embora em sua gênese os skinheads tenham se constituído num ambiente permeado pela presença negra e imigrante, não tardaram a surgir confrontos marcados pelo racismo e xenofobia. Um dos mais emblemáticos é com a comunidade sul-asiática, que era vista como rival na busca por emprego. As injúrias raciais tinham inclusive uma nomenclatura própria - *paki-bashing*. O documentário "Jovens Rebeldes: A História do

Southall Youth Movement" (2015), apresenta depoimentos sobre o assassinato de Gurdeep Chaggar, estudante de 18 anos que teve gravadas à lâmina, em suas costas, as iniciais do National Front, partido de extrema britânico de direita (DIGITAL WORKS, 2015).

Segundo O'Hara (2005, p. 55), na Inglaterra o surgimento do punk atraiu os skins em termos musicais e comportamentais. Das afinidades, surgiu a proposta de união entre as duas culturas, consubstanciadas no movimento Oi!, também chamado de *skunk* (OLIVEIRA, 2015, p. 99).

Não demorou para que houvesse forte reação, por parte de certo segmento do punk, à bandas como The Exploited, que participou de uma faixa numa coletânea Oi!. Do outro lado do oceano, os americanos dos Dead Kennedys lançaram, em 1981, um compacto (EP) contendo a música "Nazi Punks Fuck Off", numa crítica que é entendida como dirigida diretamente ao Exploited. Valo Velho (2019, p. 61–62) relata as agressões que sofreu por parte de membros da gangue Devastação Punk numa manifestação por ele organizada em 1992, de boicote ao show do Exploited.

A Devastação é uma das gangues mais lembradas nas entrevistas realizadas por Ribeiro (2020, p. 157–163) com fundadores do movimento anarcopunk. Juntamente com Kaos Punk, SP Punk, Carniça, Phuneral Punk, Anjos do ABC, Punks da Morte e outras, forma uma complexa teia de disputas por legitimidade. No punk brasileiro, as gangues punks parecem ser mais presentes em São Paulo, embora haja relatos de adesão às gangues paulistanas por parte de alguns interlocutores residentes em Porto Alegre e região metropolitana, com o intuito, segundo eles, de se proteger. No começo deste ano, Curitiba testemunhou o surgimento da primeira gangue punk em suas ruas - os Marginais Cwb.

Nos relatos em Ribeiro (2020, p. 157–163) enquanto algumas gangues, como a Kaos Punk, eram declaradamente anti-skinheads, outras, como a Devastação, foram referidas como "proto skin" e próximas dos Carecas do ABC e White Power. Para além dos relatos anarcopunks, e de considerar a violência como dada, o breve convívio com pessoas na Casa Punk sinalizou outro sentido na percepção das gangues.

No espaço, que já sofreu um atentado por parte dos Carecas do Subúrbio, com marcas de tiros que permanecem no portão, Exploited faz parte da trilha sonora ao lado de muitas outras bandas, e integrantes da Devastação são bem-vindos. Aliás, sem minha estada na Casa Punk eu dificilmente saberia que a declaração sobre a aproximação da Devastação com os skins partiu de uma pessoa que, antes de integrar o anarcopunk fazia parte de uma gangue - justamente a Devastação.

Assim como no punk, em São Paulo os skinheads também passaram pelo processo de clivagem que produziu várias gangues, como White Power, Carecas do Brasil, Carecas do ABC e Carecas do Subúrbio. Esta tradição foi sendo renovada com o surgimento de novas vertentes tanto no punk quanto entre os skins, que passaram a contar também com tendências que buscam se desvincular da imagem de intolerância, como o *Red and Anarchist Skinheads* (Rash) e o *Skinheads Against Racial Prejudice* (Sharp).

Os arranjos entre gangues, tendências e vertentes se alteram de acordo com os próprios acontecimentos e entendimentos das pessoas que fazem parte dos grupos, e apresenta especificidades locais. Como o deslocamento entre diferentes cidades integra o repertório de práticas dos punks das ruas, é possível observar a influência de tais intercâmbios também em relação aos confrontos. A seguir, apresento resultados de pesquisa documental de episódios envolvendo skinheads e punks em Curitiba.

#### **4 AS TRETAS NAS RUAS DE CURITIBA**

Iniciei meu levantamento a partir da notícia de jornal mencionada na abertura deste trabalho. Dos jornais e sites de notícias, passei a colher informações com os nomes dos envolvidos, encontrando resultados no site Jusbrasil. Lá, encontrei os números dos processos, que usei como critério de busca na consulta pública da plataforma Processo Eletrônico do Judiciário (Projudi), do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná.

Na pesquisa, cheguei a cerca de 40 episódios de espancamento ou homicídios envolvendo skinheads ou pessoas ligadas a movimentos neonazistas desde 1986 em Curitiba. Os enumerei para minha própria organização e consulta e não pude deixar de lembrar das considerações metodológicas de Malinoswki (2018) no primeiro capítulo de *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Em diálogo com lacunas existentes até então e com suas próprias dificuldades na pesquisa, o autor exalta os quadros sinóticos como forma de transpor para a realidade esquemas anteriormente mentais, no que chamou de método de documentação estatística por evidência concreta.

O mesmo texto de *Argonautas*, aliás, é o ponto de partida do artigo de Giumbelli (2002), que menciona estudos de caso quantitativos dentre as técnicas de investigação na prática antropológica. Embora desprovida de ambições estatísticas, ao perceber que eram muitas as datas, locais, nomes dos envolvidos, desdobramentos e observações complementares, organizei as informações numa planilha, o que facilita tanto eventuais

atualizações quanto a consulta por campos, de modo a visualizar, por exemplo, agressores e localizações recorrentes.

A tabela não dá conta e nem pretende exprimir tais episódios de forma uniforme ou totalizante. Entre 1986 e 1996, por exemplo, há um hiato sem nenhuma informação, o que não significa que não houve nenhuma intercorrência durante 10 anos. Adicionalmente, períodos de constantes e intensos confrontos como à época do Squat Payoll, imóvel ocupado por anarcopunks entre 1997 e 1999, têm episódios listados, mas estão longe de representar o confronto diário. Trata-se, portanto, de uma primeira aproximação, a partir de registros na mídia impressa, fanzines, boletins informativos, processos judiciais e estudos acadêmicos, e que traz tanto eventos lavrados em boletins de ocorrência quanto outros que não chegaram a ser objeto de queixa policial.

Entre as pessoas agredidas estão, além dos punks, pessoas LGBTQIA<sup>+</sup>, em situação de rua ou simplesmente alguém que foi confundido com o que parece ser o alvo prioritário dos acusados. Esta é apenas a parte visível do confronto constante entre punks e skins, que não se dão no espaço privado, mas a céu aberto. É lá que os punks das ruas têm seu lugar de prática urbana, ao contrário de outras vertentes com convívio pautado em espaços fechados, como bares e locais de ensaio. Este é um dos motivos de serem eles, os punks das ruas, e não outros punks, que morrem nos confrontos com os skinheads.

Os bancos entre as floreiras do calçadão da rua XV de Novembro, no centro de Curitiba, são uns dos principais pontos de encontro do grupo durante o dia. Além de lazer, a área central é também, para muitos deles, o espaço onde se dá o trabalho, por meio de uma prática conhecida como mangueio, e onde há a possibilidade de obter alimentação gratuita ofertada na sede Hare Krishna, no centro histórico. É lá também, ao redor do chafariz da Fonte da Memória, popularmente conhecido como Cavalinho Babão, no Largo da Ordem, setor histórico, que acontecem as reuniões noturnas.

Nem todos os episódios com skinheads envolvem diretamente algum punk, mas muitas vezes os autores de agressões, num momento, dirigidas a outro alvo são os mesmos de outras, noutra momento, que envolve os punks. Por este motivo, minha pesquisa documental não se limitou às ocorrências entre punks e skins, mas procurou alcançar todas as que envolvem skins. Desta maneira, além de encontrar, em ocorrências onde nenhum punk é mencionado, detalhes que ajudam a compor outras onde os punks estão envolvidos, é possível situar de forma mais precisa - embora não fixa ou estática - diversos atores neste contexto. Apresento então alguns episódios agrupados em períodos

e outros destacados como casos emblemáticos que me permitam caminhar pelas questões propostas.

#### 4.1 CARECAS DE CURITIBA (1986 - 1995)

No livro "Odiados e Orgulhosos: um mapa da ação dos grupos skinheads no estado do Paraná", de Ampudia (2006), constam tanto casos que não foram denunciados à polícia quanto algumas ocorrências policiais. Nas duas situações, nem sempre o local ou a identificação dos agressores e das vítimas é conhecida ou divulgada. De fato, se boa parcela dos punks já tem habitualmente precaução em compartilhar informações com alguns pesquisadores, quando o assunto envolve confrontos com os skins, as informações ficam ainda mais difíceis de serem acessadas.

Ampudia (2006), entretanto, apresenta relatos tanto de punks quanto de skins. O fundador da gangue Carecas de Curitiba, Gustavo Rodrigues, menciona em Ampudia (2006, p. 72) que entre 1986 e 1987 aconteceu uma "briga mais feia" que desarticulou o grupo. Gustavo, falecido no final de 2021, era advogado e servidor público do Tribunal da Justiça do Estado do Paraná. Ao seu lado, numa foto publicada por Ampudia (2006, p. 74), compuseram os Carecas de Curitiba seu irmão, Gabriel Rodrigues, além de Raphael Raffo e Darwin Dias. Embora o autor não tenha legendado a foto com nome dos integrantes do grupo, reconheci algumas pessoas com quem convivi intimamente durante o ano de 1985, quando nos aproximamos em torno do interesse pelo punk. Em 1986, já não encontrava mais Gustavo com tanta frequência, e soube que ele estava se interessando pelo skinhead. Entretanto, não imaginava que ele tivesse chegado ao ponto de fundar os Carecas de Curitiba e tampouco tivesse promovido um encontro com os Carecas do ABC, conforme ilustrado em Ampudia (2006, p. 74). Também convivi com Darwin. Sabia que eram garotos ricos, mas também não imaginaria que se tornasse herdeiro de uma indústria de papel e celulose.

#### 4.2 CARLOS ADILSON SIQUEIRA, O CARLINHOS (1996)

Na madrugada de 10 de março de 1996, o iluminador do Teatro Guaíra Carlos Adilson Siqueira, de 23 anos, voltava, com um amigo, de uma festa de aniversário, quando se depararam com quatro skinheads do grupo Carecas do Brasil no Largo da Ordem, centro histórico de Curitiba. Negro e homossexual, Carlos foi assassinado com

dois tiros na cabeça por Guilherme Amaral de Castro Walter, então com 17 anos de idade. Guilherme havia pegado a arma do padrasto, Walter Horst Poniewas, e cumpriu pena de cinco anos em escola correcional (FOLHA DE LONDRINA, 2000; TORTATO, 2004; PARANÁ, 2004).

Em 2004, a mãe de Guilherme, Elayne Amaral de Castro Poniewas, foi condenada a indenizar por danos morais e materiais a mãe de Carlos, Laly Siqueira, com um valor de R\$ 30 mil, mais pagamento mensal de pensão até a data em que a vítima completasse 65 anos de idade. Atualmente, Elayne deve R\$ 295 mil de pensão à Laly, que requer na justiça a penhora de um dos seus imóveis para regularização do pagamento (PARANÁ, 2004, 2021).

Oito meses depois do assassinato de Carlos, Guilherme se envolveu, em 22/12/199, numa tentativa de homicídio, desta vez juntamente com seu irmão Rodrigo, também menor de idade. Segundo o ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), José Dantas, em Brasil (1998, p. 427), ambos, "usando canivetes, desferiram golpes na região dorsal de Cláudio Marcos de Araújo, só não se consumando sua morte por circunstâncias alheias à vontade deles, ante o pronto e eficiente atendimento médico." Os irmãos cumpriram pena de internamento por 45 dias e não há notícias de algum desdobramento da ocorrência. Vinte e cinco anos depois dos crimes, Guilherme e Rodrigo moram em Viena, na Áustria, enquanto a mãe de Carlos reside no Xaxim, bairro periférico de Curitiba (WALTER, 2021; PARANÁ, 2021).

Embora Poniewas não tenha cumprido com o pagamento da pensão de Laly Siqueira, parece não ter abdicado do seu padrão de consumo que, segundo pude averiguar em suas redes sociais, incluiu durante estes anos algumas viagens da família ao exterior. O padrasto de Guilherme é empresário e possui vários imóveis, dentre eles uma pousada em Paranaguá. A filha do casal, irmã de Guilherme e Rodrigo, cursa Medicina Veterinária na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), que em seu site informa o valor da mensalidade: R\$ 4.548,95 (TRANSPARÊNCIA CC, 2013; PONIEWAS, Luiza, 2021; PUCPR, 2021).

Poniewas recorreu em diversas instâncias sem sucesso, para reverter a decisão que lhe imputa o pagamento de pensão. Dentre suas inúmeras alegações, tentou desvincular o crime de qualquer conotação racial, como presente nos autos em Paraná (2004): "o grupo denominado Carecas do Brasil sempre pregou uma ideologia nacionalista, não havendo qualquer tipo de 'separativismo' (sic) ou racismo". Poniewas tenta ainda

desqualificar o comportamento da vítima, afirmando que foi Carlos "quem deu início à discussão, pois estava 'no' (sic) estado de embriaguez".

A tentativa de desvincular-se de práticas de intolerância é recorrente em vários grupos skinheads, que creditam ao "outro", tais características. Deste modo, racista fica sendo a outra ramificação do skin, mas nunca a sua. Adicionalmente, como discutirei mais tarde, creditam a construção desta imagem a um ente externo, como a mídia. Assim como a mulher é acusada de provocar um estupro por usar saia curta, neste caso Carlos foi culpado por ter bebido e supostamente iniciado a briga.

Tais narrativas são reforçadas em Ampudia (2006, p. 76), com o relato anônimo de um skinhead de Curitiba "Ele errou e pagou pelo que fez. [...] Na época ele disse que atirou para acabar com a treta, não era para matar". Ampudia (2006, p. 77) traz ainda cópia da reportagem de Matos (1996) publicada no jornal Folha do Paraná, onde o delegado responsável pelo caso, José Roberto Jordão, declara "não acreditar que tenha sido crime racial, mas apenas um caso de 'arruaça e bebedeira', que terminou em morte".

Mesmo que a motivação não tenha sido eminentemente racial, o fato é que naquele momento um jovem negro, homossexual e morador da periferia foi morto por outro, de ascendência alemã, e filho de empresários. A própria conduta da mãe do assassino, ao negligenciar a pensão estipulada em lei e priorizar despesas familiares que, nos padrões de consumo de uma família de baixa renda, podem ser consideradas como não essenciais (escola particular, viagens ao exterior), revela o entendimento, proposto em Butler (2019), de que umas vidas são mais merecedoras de serem vividas que outras.

Mais que encerrar a análise em estereótipos, penso ser importante discutir como certos marcadores sociais de diferença podem operar neste contexto. Numa publicação em rede social, Poniewas (2014) descreve seu sogro e o irmão, filhos de alemães: "homens de bem, conservadores, com atitudes dignas da educação européia e fiéis à família e ao trabalho." Me parecem valores intensamente exaltados e, por consequência, defendidos.

Em contraponto, segundo Queluz e Vanali (2018, p. 36–37) em 13 de maio de 1996, 3 mil pessoas se reuniram na Boca Maldita, centro de Curitiba, em protesto ao assassinato de Carlinhos. O ato impulsionou a criação da seccional Paraná do Movimento Negro Unificado (MNU), que leva o nome de Carlos Adilson Siqueira.

#### 4.3 ANARCOPUNKS (1995 - 2005)

Em artigo sobre o movimento *squatter*<sup>6</sup> no Brasil, Rudy (2019) indica o surgimento do primeiro *squat*<sup>7</sup> de Curitiba, em 1995: a Kaäza, imóvel no Boqueirão, periferia de Curitiba, ocupado por anarcopunks. Numa mediação entre a sobrevivência, a manutenção do espaço e a difusão de ideias, havia a venda de fanzines e adesivos confeccionados no local. Móveis e materiais utilizados na manutenção da casa muitas vezes eram provenientes do lixo. Em 1997, alguns integrantes da Kaäza ocuparam o Payoll, casa com dois andares e dezessete cômodos, e após intenso trabalho braçal para recuperá-la, em 1998 realizaram a primeira Jornada Cultural, com palestras, exposição de vídeos, recitais de poesias e teatro (RUDY, 2019).

Os skinheads não deixariam que isto ocorresse sem criar problemas. Ampudia (2006, p. 98) traz a cópia de um boletim de ocorrência (BO), com data de 07/08/1996, quando um punk foi esfaqueado por um grupo de três skinheads e socorrido pelo Serviço Integrado de Trauma em Emergência (Siate), que o transportou até o Pronto Socorro do Hospital Cajuru. Em matéria sobre o Payoll no Irax Zine (1999), três moradores relatam ataques constantes dos skinheads, facilitados pela localização contígua ao centro, "mais propriamente no bairro onde moram a maioria desses nazis, fica fácil para eles fazerem ataques aqui. Eles já jogaram duas bombas caseiras e outros objetos como garrafas e pedras". Frases como "Hitler vai voltar" eram proferidas ao passarem de carro em frente à residência, ou pichadas na parte exterior do imóvel. Em 1998, um morador e um visitante foram esfaqueados (IRAX ZINE, 1999).

Em 1999, segundo relato em Ampudia (2006, p. 12–13), dois casais e um bebê de colo foram perseguidos por skins que saltaram de um jipe cinza. Embora a mãe do bebê tenha sido atingida nas costas com cortes de faca, conseguiu fugir. Ficaram os dois rapazes. Um deles foi golpeado no rosto com soco inglês e, ao se proteger de uma machadinha, sofreu um talho na mão que lhe rendeu cirurgias até a recuperação dos movimentos. O outro rapaz levou uma machadada ainda mais forte e que comprometeu o movimento de uma mão. Ao serem socorridos pelo Siate, tiveram a notícia de que um pouco mais cedo um menor em situação de rua havia sido espancado "por uns caras" atrás da Igreja da Saldanha Marinho. O menor já estava morto quando o Siate chegou, e mais

---

<sup>6</sup> O movimento *squatter* foi formado a partir da contracultura dos anos 1960, com a ocupação de espaços urbanos ociosos para o compartilhamento não apenas de moradia, mas também de projetos como biblioteca, oficina de serigrafia, horta e atividades esportivas.

<sup>7</sup> *Squat* é uma designação para um imóvel ocupado, também chamado de ocupa, de ocupação. Em conversa de 2019, Moska, uns dos primeiros moradores da Kaäza, me contou que prefere adotar a terminologia *squat*, que subentende projetos conjuntos. Para ele, numa ocupação podem morar pessoas que estão reunidas apenas para dividir as despesas da habitação.

tarde testemunhas afirmaram que viram um jipe cinza circulando no local. Como não fosse suficiente, nos dias seguintes a calçada onde um dos punks agredidos expunha artesanato amanheceu pichada com ameaças.

Os punks, por sua vez, planejavam estratégias de revide. Relato em Ampudia (2006, p. 73–74) aponta que os anarcopunks ficaram de campana na saída de um bar onde estavam três skins, entre eles Maurício Caetano da Silva, o Véio, que mais tarde se envolveu em outros crimes, inclusive com morte, em Curitiba. Acuados pelos punks, que estavam em maior número e apitavam a cada tentativa de saída, os skins saíram num táxi escoltado por uma viatura policial. Ainda segundo relato em Ampudia (2006, p. 73–74), mais tarde os punks, armados com coquetéis molotov, rojões e cetras, foram ao QG, ponto de encontro dos skinheads, na avenida Manoel Ribas, em frente ao prédio da Telepar. Encontraram os skins fazendo saudações nazistas em frente ao bar, se esconderam num viaduto e mais tarde, a pancadaria aconteceu de lado a lado. Não há menção de algum ferido em especial.

Além de relatos, Ampudia (2006, p. 98) traz cópias de boletins de ocorrência (B.O.s). Num deles, de 02/06/2002, duas pessoas foram ameaçadas por tiros na frente da residência de uma delas, no bairro Santa Cândida. O autor dos disparos foi identificado como Eduardo Toniolo, em companhia de sua namorada Fran. Ambos também se envolverão em mais tarde em um crime com morte em Curitiba. No documento, as vítimas indicam que a ameaça é reincidente, apontando inclusive o número do primeiro B.O. Em 14/09/2002, outro boletim: Eduardo Toniolo Del Segue e Valmir Dias da Silva Machado, portando canivete e soco inglês, ameaçaram uma punk e mais tarde voltaram com mais pessoas para repetir a ameaça. Segundo a rede Gaúcha ZH (2020), Valmir é um dos envolvidos em ataque e tentativa de homicídio de três rapazes judeus, que usavam quipás e estavam comemorando os 60 anos do final do holocausto em frente a um bar na Cidade Baixa, Porto Alegre, em 08/05/2005.

Finalmente, há em Ampudia (2006, p. 96–97) o relato de uma jovem punk que já havia sido atacada por skins em Maringá. Segundo ela, aos sábados, se houvesse jogo de futebol do Atlético ou do Coritiba, os dois principais times da capital, os punks não podiam ficar até tarde no Largo da Ordem, que se tornava território exclusivo dos skins. Entretanto, numa dessas ocasiões resolveram ficar e enfrentar os skinheads. A provocação era mútua, dentro de uma certa distância. Enquanto os punks manejavam suas correntes, os skins faziam saudações nazistas. Quando um punk atirou uma cadeira em direção aos inimigos, os skins partiram com tudo para cima deles, com os ferros das barracas que

seriam mais tarde montadas para a feira de artesanato. Na fuga, a punk escorregou e levou pancadas na cabeça que lhe renderam oito pontos. Enquanto batiam, os skins falavam: "Hitler vai te matar" (AMPUDIA, 2006, p. 96–97).

#### 4.4 RENAN, WILLIAM, LAGARTO E OS WHITE POWER (2005-2021)

Não descreverei neste momento os confrontos seguintes, pois alguns são extremamente complexos - traço, então, linhas gerais sobre eles. Em 2005, um grupo de 15 skinheads atacou quatro pessoas negras e homossexuais. O julgamento por tentativa de homicídio, racismo e associação criminosa ocorreu em 2019, com o crime prescrito. O processo judicial foi desmembrado entre integrantes do grupo, que inclui a filha de um general do Exército. Pessoas ainda não julgadas aguardam em liberdade.

A lista se estende até 2020 e passa pelo Alto da XV, Shopping Müller, Palácio Garibaldi, Praça Eufrásio Correia, e ruas Inácio Lustosa, Paula Gomes e João Manoel, no bairro São Francisco, contíguo ao centro histórico. Desde skinheads sozinhos até bandos de 30 skins, geralmente homens mas não raro também mulheres, atacaram pessoa LGBTQIA+ estudante de Ciências Sociais da UFPR, ou jovem que foi confundido com um punk, ou guardador de carros em situação de rua ou, na maioria das vezes, punks. Com bambus, pedaços de madeira, faca, soco-inglês e raramente com arma de fogo, os casos de espancamentos e homicídios que chegam a sair na mídia são apenas a parte mais visível de acontecimentos que os punks das ruas vivenciam cotidianamente. Em alguns casos, que perfazem cerca de 5%, são os punks que figuram como agressores e os skins como vítimas. (SARZI, 2017a; TUROLLO JR, 2012; FOLHA DE LONDRINA, 2000; EXTRA, 2017; CBN, 2017; A CAPA, 2009; BAND NEWS, 2013; TORTATO, 2004; MAROS, 2014; RIC MAIS, 2013; G1 PARANÁ, 2017; DIÁRIO DO GRANDE ABC, 2008; SARZI, 2017b; MARTINS, 2012; BEM PARANÁ, 2016; TRIBUNA DO PARANÁ, 2019; BOREKI, 2010; MORAES, 2011; BEM PARANÁ, 2021).

Numa das ocorrências, em 2012, o réu pertence à Guarda Municipal de Curitiba, havendo indícios que cinco pessoas da corporação sejam skinheads (CESCA, 2012). Em declaração para Banda B (2013), o delegado responsável pela investigação da morte de Lagarto, punk assassinado com facadas no pescoço, em 2013, opina sobre o palco dos acontecimentos: "lá é a central do inferno, tudo que é ruim você encontra lá". Quando chegam aos noticiários policiais, mesmo como vítimas, os punks dificilmente têm desvinculada de si a imagem de abjeção.

Mesmo que figurem como vítimas em ocorrências policiais, os punks das ruas têm sua imagem de delinquência reforçada em aparições na mídia. Junto a outras pessoas como as em situação de rua, são considerados, como uma excrescência do corpo social e vidas humanas ilegítimas de serem vividas (DOUGLAS, 1988; BUTLER, 2002).

## **6 MARGENS, ESTADO E ABJEÇÃO**

Um integrante do grupo Carecas do ABC deixa explícito para Ampudia (2006, p. 53): "nós fazemos parte de uma juventude que não faz uso de drogas, pregamos a moral, amamos nossa pátria. Mas parece que isso é crime, enquanto os punks queimam a bandeira nacional, usam drogas, pregam a libertinagem e todo mundo acha isso bonito".

Outro skinhead, desta vez integrante dos Carecas de Maringá, declara orgulhoso para Ampudia (2006, p. 67) que, ao menos àquela época, quase não se encontrava mais um punk na cidade: "já teve, agora tem uma molecadinha querendo fazer uma cena, aí damos um 'sacode' e eles nem aparecem mais de visu<sup>8</sup>. Já corta pela raiz mesmo". E continua: "punk não passa. São podres, um bando de drogados que se destrói e também a suas famílias [...] Ficam zoando a cidade, pichando tudo, quebram as coisas na rua, não tomam banho. Não tem como alguém em sã consciência aceitar uma coisa destas."

Esta desqualificação dos punks das ruas não chega a ser uma novidade. Mesmo num circuito mais underground ou alternativo, onde circulam público e bandas que se identificam de alguma forma com o punk, eles são percebidos de maneira bastante crítica: "vão para o show e ficam na porta pedindo para entrarem sem pagar. Falam que querem mudar o mundo, mas ficam só bebendo e não contribuem para nada. Se nem eles próprios colaboram onde tocam as bandas que gostam, a cena fica sempre difícil de acontecer", me disse uma vez uma pessoa envolvida na produção de shows.

Muitas pessoas também se incomodam com os punks que praticam o manguêio, abordando desconhecidos para obter alguma quantia em dinheiro, cigarros ou bebida. A resposta de um punk é:

"esses dias uma pessoa falou que eu não sou punk, e sim maloqueiro. Tem um monte de gente também achando ruim que a molecada punk briga e bebe. Deixa eu falar um bagulho para vocês: quem odeia ladrão e maloqueiro e quer ordem na rua se chama fascista. Pensem nisso quando estiverem em algum pub tomando cerveja importada."

---

<sup>8</sup> Visu ou visual é a designação, entre os punks, para o estilo de vestir e ostentar os ornamentos. Pode ser referido também como "visualeira". Varia entre vertentes do punk e comumente inclui calças rasgadas, jaquetas com tachas e rebites e cabelos com corte moicano.

Esta fala demarca uma posição que situa, de certo modo, a declaração dos skins junto à outras que veem nos punks das ruas uma imagem materializada daquilo que não é desejável. Em companhia de outras pessoas como as em situação de rua, com quem convivem em certas situações, os punks das ruas podem ser considerados, sob a perspectiva de Butler (2002), corpos abjetos. Rui (2012, p. 10) entende a abjeção menos como uma questão prática, como falta de limpeza, por exemplo, e mais como perturbação de um sistema e uma ordem ficcionais. Já Butler (2002) traz a ideia de abjeção como uma vida humana ilegítima. Como despossuídas de humanidade, essas vidas seriam menos dignas de serem vividas que outras.

Butler (2019) lança tal discussão numa ótica de regimes de estatais de exceção e aponta um enredo que muito se parece com as operações militarizadas não só em periferias, mas como no exemplo deste trabalho, em áreas centrais de cidades brasileiras.

Pensando sobre práticas e lugares considerados à margem do Estado, Das e Poole (2008) destacam a existência de tecnologias específicas de poder através das quais o Estado tenta manejar ou pacificar as populações consideradas insuficientemente socializadas dentro da lei. As autoras propõem um entendimento além de fronteiras bem definidas do Estado como produtor da ordem e das margens sociais e territoriais como local de desordem. Para Das e Poole (2008, p. 20), as fronteiras entre centro e periferia, público e privado, legal e ilegal, são pensadas a partir do Estado. As autoras convidam a repensar o Estado a partir de suas margens, onde há ao mesmo tempo a desordem e não a ausência, mas a presença do Estado, reorganizando seus modelos de ordem e normatividade.

Para Das e Poole (2008, p. 24), estes lugares não são meramente territoriais; são também locais onde a lei e outras práticas estatais são reguladas pelas necessidades de sobrevivência das populações. Assim como o fazer-cidade de Agier (2015) pressupõe um movimento, as margens de Das e Poole (2008) são ao mesmo tempo produto e condição de existência do Estado.

Assim como os confrontos entre punks e skinheads ultrapassam a disputa territorial, talvez o entendimento de Das e Poole (2008) sobre margens ao mesmo tempo fazendo e sendo feitas pelo Estado, além do espaço físico, possa oferecer perspectivas analíticas para este trabalho. Numa ocorrência de 2012, por exemplo, a pessoa que desferiu tiros noutra pertencia à Guarda Municipal de Curitiba e a reportagem aponta indícios que ele próprio, assim como mais quatro amigos da corporação, sejam skinheads

(CESCA, 2012). Contudo, o comandante da Guarda Municipal, além de negar o fato, elogia fervorosamente o servidor.

As falas dos delegados negando a motivação racista dos homicídios, o descaso no pagamento de pensão para a mãe de um jovem assassinado, os caríssimos advogados<sup>9</sup> de defesa dos skins, a demora dos julgamentos, a prescrição dos crimes, o ingresso de alguns skins no poder judiciário e no corpo policial e a vida empresarial bem sucedida de outros parecem operar na produção de verdades e discursos de modo que os punks sejam vistos como uma ameaça à paz e segurança de um sujeito adaptado ao sistema político e econômico.

Ao saber da anulação de mais um julgamento, que levaria ao júri os assassinos de Lagarto, morto em 2014, um punk me disse: "Justiça não é para nós. Temos que nos virar para nos sentirmos vingados. Não adianta, às vezes não é só dinheiro, é a ideologia que está por trás também".

Se sofisticando ao longo do tempo, o processo de vigilância e punição adquire outros mecanismos. As agressões dos skinheads, antes de serem uma lacuna do poder hegemônico, parecem fazer parte do controle do que é visto como uma excrescência do corpo social.

## **6 DOCUMENTOS: O QUE DIZEM E O QUE NÃO DIZEM**

Os confrontos com os skinheads não podem ser ignorados como recorrentes e constitutivos das próprias vivências dos punks das ruas. Para Das (2012, p. 348), os eventos estão ancorados à vida cotidiana. Como me disse uma pessoa que conheci num show, "em Curitiba não tem como falar do rolê punk sem falar dos nazi que perseguem a gente". O diálogo ocorreu apenas em no final de 2021. Antes disto, a cada vez que eu procurava conversar sobre o tema, sentia os interlocutores desconfortáveis, monossilábicos e arredios.

Em artigo sobre etnografia em arquivos, Cunha (2005, p. 10) enfatiza que “a experiência etnográfica é sobretudo uma relação, e como tal, limitada pelas vicissitudes do contexto [...]”. Dentre outras hipóteses, a constante tergiversação pode ser decorrente

---

<sup>9</sup> Como Samir e Elias Mattar, que defendem um dos acusados pela agressão a William e Renan, Cláudio Dalledone, na defesa dos réus no homicídio de Lagarto, e Adriano Bretas, num caso de homicídio entre facções skins.

do meu conhecimento apenas parcial dos episódios ser evidente aos interlocutores, inspirando-lhes pouca ou nenhuma confiança.

Embora ao descrever alguns confrontos eu tenha me referido aos punks como vítimas e aos skinheads como agressores, os próprios relatos evidenciam que os punks também planejam e perpetram ações contra os skins - como em Das (2012, p. 345), ao entender que as relações são tecidas no cotidiano e se afastar de demarcações rígidas entre vítima e algoz. A autora entende que a agência acontece o tempo todo, não estando necessariamente atrelada à uma resistência heroica num tempo extraordinário. Da mesma maneira que os confrontos com os skins, as práticas e táticas dos punks são constantes nesta disputa, de forma a constituí-los e ao mesmo tempo constituir o outro na relação.

Ao mesmo tempo que, como mostra Giumbelli (2002), é possível realizar uma pesquisa de qualidade sem a observação participante, abdicar do que tradicionalmente é entendido como trabalho de campo pode imprimir restrições que requeiram maior tempo para serem suplantadas. No caso do homicídio de Lagarto, por exemplo, até a ida à Casa Punk, eu pouco conhecia além das notícias de jornal. Num sábado de manhã, após ter dormido na Casa Punk, eu conversava com integrantes da banda Disunião, que haviam acabado de chegar de Curitiba para tocar naquela noite. Então, entre uma história e outra, eu soube que em ocasião anterior a seu assassinato, Lagarto havia matado um skinhead.

Da mesma forma, a informação que uma pessoa anarcopunk que tecia críticas à gangue Devastação mas já fez parte dela, também só foi possível por meio da convivência com os interlocutores. Talvez eu chegasse a tais informações na pesquisa documental, mas, de repente, elas chegaram até mim durante a observação participante. Mais que o domínio sobre a totalidade do objeto de pesquisa, penso que a pesquisadora deve procurar manter-se atenta ao que surge.

## **7 SEGUNDA GUINADA: DA CASA PUNK AOS MARGINAIS CWB**

Após a volta da Casa Punk, mesmo compreendendo que a pesquisa documental poderia ser uma possibilidade, a coloquei, como no jargão fotográfico, em terceiro plano, compondo uma camada de fundo. Contudo, com novos acontecimentos em campo, a alternativa que era apenas vislumbrada passou a se tornar central.

Impulsionada pelos contatos que havia feito em São Paulo, propus a realização de atividades envolvendo diferentes tendências entre punks das ruas de Curitiba para, mesmo com as divergências já existentes entre eles, produzirmos objetos e eventos de maneira

conjunta. Evidenciaram-se então conflitos que, ao menos por ora, parecem ser irreconciliáveis. O grupo que denomina a si próprio como "punks novinhos", composto, entre outras pessoas, pelas da banda Disunião com quem havia estado na Casa Punk, acusa fortemente integrantes de outros grupos punks de Curitiba de serem, dentre outras coisas, transfóbico. Recentemente, os punks novinhos formaram uma gangue chamada "Marginais Cwb".

Num cenário de animosidade, minha tentativa de mediação, além de ser completamente frustrada, facilitou a imputação da figura acusatória de "não ser punk" sobre mim. Ao conjecturar o deslocamento do objeto de pesquisa para minha segunda opção, a de concentrar minha etnografia nas gangues punks de São Paulo, constatei uma certa estagnação nos contatos, seja pela indisponibilidade na agenda das pessoas que inicialmente facilitariam minha entrada em campo, ou pelo próprio descrédito que passei a enfrentar após os desentendimentos com os punks novinhos.

Na intenção de não esgarçar ainda mais as relações que estavam se iniciando, decidi limitar meu contato com os punks novinhos à um compromisso já estava firmado por todos antes dos desentendimentos se acirrarem: a organização de uma Gig<sup>10</sup> que trará, no mês de julho, integrantes da Casa Punk para tocar em Curitiba.

Alçando o que era plano de fundo à condição de objeto sobre o qual se debruça, revi os dados documentais de forma a perceber se poderia extrair elementos significativos o suficiente para indicar um caminho a seguir em minha dissertação. Uma alternativa a ser explorada me parece ser justamente a narrativa policial como reforçadora do punk das ruas como corpo abjeto e, portanto como uma vida menos passível de luto. Outro ponto de destaque é a afinidade entre narrativas policiais e depoimentos de defesa de familiares ou dos próprios skinheads.

Em 11 de setembro de 2021, um servidor da Guarda Municipal matou a tiros o apreciador de rap Mateus, de 22 anos, ao atirar numa multidão reunida no Cavalão Babão, no Largo da Ordem, onde também se reúnem os punks. A questão não é circunscrita apenas aos confrontos entre punks e skins, mas penso que talvez, partindo do meu tema de pesquisa, eu possa desenvolvê-lo em meu trabalho. Neste momento, me parece que a pesquisa documental em processos judiciais pode levar ao entendimento de formas de discurso e produção de verdades.

---

<sup>10</sup> Gig é uma terminologia utilizada entre os músicos para se referir a uma apresentação musical que faz parte do seu trabalho. A expressão se popularizou e hoje é utilizada também pelo público em diferentes meios para se referir a um show.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, v. 21, p. 483–498, dez. 2015. DOI 10.1590/0104-93132015v21n3p483. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/mana/a/wJfG33S5nmwwjb344NF3s8s/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 dez. 2021.

AMPUDIA, Ricardo. **Odiados e orgulhosos: um mapa da ação e organização dos grupos skinheads no estado do Paraná**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2006.

BRASIL. Recurso em Habeas Corpus no 6.780 -PR. **Revista do Superior Tribunal de Justiça**, v. 10, n. 104, p. 426–429, 1998. Disponível em: <https://www.stj.jus.br/publicacaoinstitucional/index.php/RevSTJ/article/download/6920/7040>. Acesso em: 7 nov. 2021.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, p. 155–167, jan. 2002. DOI 10.1590/S0104-026X2002000100009. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ref/a/vy83qbL5HHNKdzQj7PXDdJt/?lang=pt>. Acesso em: 7 dez. 2021.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CESCA, Heliberton. Guarda Municipal é preso após atirar contra rapaz no Largo da Ordem. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 13 fev. 2012. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/guarda-municipal-e-preso-apos-atirar-contrarapaz-no-largo-da-ordem-77cw3c42ek0i0sp4ljj5po026>. Acesso em: 16 out. 2021.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 36, p. 7–32, 31 jan. 2005. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2242>. Acesso em: 30 jan. 2022.

DAS, Veena. Entre palavras e vidas: um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimentos - Entrevista com Veena Das. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 5, n. 2, p. 335–356, 16 abr. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7331>. Acesso em: 6 dez. 2021.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 27, p. 19–52, 2008.

DIGITAL WORKS. **Jovens Rebeldes: a história do Southall Young Movement**. Londres: Digital Works, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/gJ1NVambxrM>. Acesso em: 28 set. 2021.

DOUGLAS, Mary. Los dos cuerpos. **Símbolos naturales**. Madrid: Alianza, 1988. p. 89–107.

FOLHA DE LONDRINA. Carecas já mataram em Curitiba. **Folha de Londrina**, Londrina, 16 mar. 2000. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/carecas-ja-mataram-em-curitiba-265438.html>. Acesso em: 16 out. 2021.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, p. 91–107, fev. 2002. DOI 10.1590/S0102-69092002000100007. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/YgzRjr5rQNwyZqhzmdnVzTQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2022.

IRAX ZINE. **Squat Payoll**. Goiânia, 1999. Acesso em: 29 nov. 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw. Tema, método e objetivo desta pesquisa. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Ubu, 2018. p. 55–84.

MARTINS, Cid. Em julgamento virtual, TJ diminui pena de três condenados por atacar judeus na Cidade Baixa. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2020/07/em-julgamento-virtual-tj-diminui-pena-de-tres-condenados-por-atacar-judeus-na-cidade-baixa-ckdaklys30020013gafbgsfny.html>. Acesso em: 8 dez. 2021.

MATTOS, Simone. Felipe diz ser inocente, mas fica preso. **Folha do Paraná**, Curitiba, 22 mar. 1996. . Acesso em: 8 out. 2021.

O’HARA, Craig. **A filosofia do punk**. São Paulo: Radical Livros, 2005.

OLIVEIRA, Antonio Carlos. **Os fanzines contam uma história sobre o punk**. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2015.

PARANÁ. Apelação Cível 0149231-5. 7 jun. 2004. Disponível em: <https://tj-pr.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/5016048/apelacao-civel-ac-1492315-pr-apelacao-civel-0149231-5/inteiro-teor-11521797/amp>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PARANÁ. Processo nº 0016869-82.2021.8.16.0001. 2021. Disponível em: [https://consulta.tjpr.jus.br/projudi\\_consulta/processo/consultaPublica.do?actionType=iniciar](https://consulta.tjpr.jus.br/projudi_consulta/processo/consultaPublica.do?actionType=iniciar). Acesso em: 20 nov. 2021.

PONIEWAS, Elyane. **Post**. 31 ago. 2014. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/1330701263/posts/10202845234155158/>. Acesso em: 5 nov. 2021.

PONIEWAS, Luiza. **Página principal**. 2021. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/luponiewas>. Acesso em: 5 nov. 2021.

PUCPR. Medicina Veterinária. 2021. **PUCPR**. Disponível em: <https://www.pucpr.br/cursos-graduacao/medicina-veterinaria/>. Acesso em: 5 set. 2021.

QUELUZ, Gilson Leandro; VANALI, Ana Crhistina (Orgs.). Ivo Pereira Queiroz: a luta por um mundo melhor. **Vidas que falam: ancestralidade afriicana na diáspora paranaense**. Curitiba: UTFPR, 2018. p. 15–50.

RIBEIRO, Eduardo. **Uma História Oral do Movimento Anarcopunk em São Paulo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2020.

ROSSETTI, Regina; SANTORO JUNIOR, David. Distorções midiáticas do movimento punk em tempos de autoritarismo político. **Lumina**, v. 9, n. 2, p. 1–20, 2009.

RUDY, Cleber. A Outra Face das Cidades: intervenções (não institucionais) do espaço urbano – os squatters. **O Olho da História**, mar. 2019. Acesso em: 20 nov. 2021.

RUI, Taniele Cristina. **Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack**. 2012. 335 f. Tese – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: [http://www.neip.info/downloads/Taniele\\_Rui\\_Tese.pdf](http://www.neip.info/downloads/Taniele_Rui_Tese.pdf). Acesso em: 20 set. 2019.

TORTATO, Mari. Mãe de skinhead terá que pagar indenização. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 maio 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2505200406.htm>. Acesso em: 8 out. 2021.

TRANSPARÊNCIA CC. Walter Horst Poniewas. 17 nov. 2013. **Transparência CC**. Disponível em: <https://transparencia.cc/dados/socios/465939/walter-horst-poniewas/>. Acesso em: 5 set. 2021.

VALO VELHO. **A periferia de moicano**. São Paulo: Povo, 2019.

VIANNA, Adriana. Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014. pp.43-70. In: CASTILHO, Sérgio; SOUZA LIMA, Antonio Carlos; TEIXEIRA, Carla (orgs.). **Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014. p. 43–70.

WALTER, Guilherme. **Página principal**. 2021. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/guilherme.walter>. Acesso em: 5 nov. 2021.